

Homens de Visão reprovam o Estado no pacto social

O melhor pacto é o que não possibilitaria a intervenção do Estado na economia, garantindo a livre iniciativa e dando ao mercado condições de funcionamento de forma a regularizar os preços. Esta foi a idéia básica defendida ontem pelos "Homens de Visão 1986" — Cesar Rogério Valente, presidente da Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul; Flávio Peres de Meneses, presi-



Menezes, Valente, Wagner, Ferreira Neto e Afif...



...no jantar do Maksoud.

17 DEZ 1986

JORNAL DA TARDE

dente da Sociedade Rural Brasileira; José Carlos Graça Wagner, conselheiro da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB/SP) e também diretor da Associação Comercial de São Paulo, além do jornalista Joaquim Antonio Ferreira Netto — que ontem foram premiados no Hotel Maksoud Plaza, em São Paulo. O empresário gaúcho César Rogério Valente foi o que mais criticou a intervenção do Estado na economia e disse que o pacto que está sendo proposto pelo governo não passa de um casuismo.

No entender de Valente, o pacto é uma forma de aplacar o des-

contentamento do setor sindical. Ele critica principalmente a intenção do governo de permitir que os operários participem dos lucros das empresas. O empresário acha que antes disso as empresas precisariam recuperar a lucratividade perdida em decorrência do congelamento. Disse também que já existem formas de distribuição de renda como é o caso do PIS, Finsocial, Fundo de Garantia e 13º salário. A solução para a crise econômica, social e política do País, segundo ele é o realinhamento dos preços e aperto dos salários, pois a seu ver os salários reais cresceram de forma desproporcional, sem redução do consumo e afastamento gradual do Estado no controle da economia.

Outro "homem de Visão", José Carlos Graça Wagner, também defendeu um tipo de pacto diferente do que está sendo proposto pelo governo. Para ele, não existe, de fato, vontade de negociar. O pacto, segundo ele, deve envolver as pessoas que realmente trabalham pe-

lo bem do País, não com o controle do Estado como atualmente.

Flávio Peres de Meneses disse que as soluções vindas de cima para baixo nunca resultaram em benefício para a Nação. Citou o caso de criação do BNH e do Mobral, como forma de resolver o déficit habitacional e o analfabetismo, respectivamente, que não conseguiram atingir seus objetivos. Por isso, ele acha que o pacto proposto pelo governo não deve ser encarado seriamente e, sim, entre trabalhadores e empresários.

Já o "Homem de Visão" de 1985, o deputado federal pelo PL, Guilherme Afif Domingos, que fez a saudação aos homenageados deste ano, defendeu a união dos setores descontentes. Deduziu que o governo não tem moral para propor qualquer tipo de pacto, pois sem o aval da sociedade explodiu o que ele chama de orçamento do condomínio chamado Brasil. O único pacto em que ele diz acreditar é o "daqueles que realmente pagam o pacto".